

A COMEDIA SOCIAL

DIÁZ DE JANEIRO, 13 DE OUTUBRO DE 1870

NOTÍCIAS DA EUROPA! Successos importantes!

Telegrammas expedidos da Comedia Social

Berlim, 31 de outubro.—Bismarck responderá ás legações estrangeiras que consentirão a que seja as seguintes condições:

1.º—A França será dividida em tres reinos, cujos thronos serão dados a tres príncipes do ramo de Hohenzollern.

2.º—A população franceza faltarão a lingua allemã.

A resposta agrada muito ás potências neutras que immediatamente comprometteram-se a fazer com que a França accedea ás condições indicadas.

Paris, 32 de outubro.—Deante indignação causada pela noticia de que Napoleão fumava quando se des- se, o novo governo vai prohibir o uso dos charutes.

O commandante exercito será offerecido a Garibaldi, e as tropas serão armadas de canhões corinthios e da Minsefhera. Assim, segundo illicito a guerra, a Prussia pôde fazer frente ao mundo inteiro.

Rochefort põe-se á testa dos Vapores das Havricadas e jurta resistir até o momento de aproximar-se a policia—lago, os pressiantos.

Em ultimo caso mandar-se-ia contra o inimigo outra carta de Victor Hugo. Consta que os seus caros soldadinhos são metralhadoras.

Ultima noticia.—Nova communição de Washinton declarando que o governo dos Estados Unidos está disposto a reconciliar e felicitar quanteis governos houverem a França durante cinco annos. Paris está sabido!

A vocação de Patty.

CAPITULO I

(Continuação.)

Nossa noite teve uma sessão comersal com Mimosa.

«Mentira», disse eu evocando uma cousinha provocante, e sem prestario algum. Porque não amo a um homem tão bom, tão respeitavel, tão excellento? Declaro que amo-o quasi tanto como se fosse Roberto.»

Ella ficou encanada, e evidentemente agradada.

«Porém — porém — sim — elle é bom — e é...»

«E' o que?»
«Não é má; porém é homem.»
«Você não pode casar-se com um mul- her.»

«Não no caso de modo algum. Porque não ser o amigo, amigo certo e estimado?»
«E ao dizer isto, ficou mais escarlate do que eu nunca estivera.

Cumpre que ella o ame — disse comigo e precipitadamente de novo á carga.

«Você deve casar-se com elle, Mimosa; pense como ficaremos todos felizes, como hade alegrar o seu avô, aliviar a sua mãe...»

«Se! Como Patty é má. Uma moça ca- se-se por amor o não pelas riquezas e pelos amigos.»

«Certamente, assim deve ser.»

«E elle — elle — você pensa que deve ca- sar-se só para fazer bom aos amigos da mul- her? Pensa mais n'ella do que você; que Patty não sem jeito!»

«Você pensa, na verdade, Mimosa. O coitado do querido senhorio deve tomar esposa que o queira só por causa de sua pessoa. Você não pode amal-o?»

«Teuio muito amor, grande respeito — tanto que se não fosse o senhorio, tão rico, tão gratuloso, eu o amaria, mas não casar-me-hia com elle.»

«E porque não se casaria, supportito que o senhorio ficasse pobre?»

«Não gosto de me casar. E foi ficando cada vez mais corada.

«Porque? Porque?» — Perguntei toda en- riosae cheia de ariedade.

Os seus labios rosados applicatam-se a meu ouvido, cochicharam alguma coisa, e depois ella deu um pulo, rindo-se a bandei- ras despregadas.

Que credito ridiculo!

Ora, eu não me lembrava mais, — na ver- dade achava-me muito ansiosa — mas como heade dizel-o aqur? — Talvez seja melhor dizer que refero a Roberto, Roberto riu-se cordialmente e respondeu:

«Se Mimosa oppõe-se a receber um beijo do senhorio, quando o aceitar, nós o fare- mos dispensar a ceremonia.»

Foi isso que ella cochichara.

Que idea tão ridicula! Que coisa poderia ter-lhe a suggerido? Certamente, quando Ro- berto disse-me que ia casar-se comigo, não julguei o negocio seguro senão depois d'elle beijar-me, e então reconheci que para sem- pre eu era d'elle e elle meu.

Na hora, não ficamos abgozzetta por isso, e

ajuntou Roberto, «Para mim são favas-con- ladas; se Mimosa engula o senhorio, por oppor-se a receber d'elle um beijo, aposto cincoenta libras esterlinas em conto a histo- ria acaba em casorio.»

Nunca me vi tão perplexa. Achava-me em tal estado que fiquei quasi — mas não inteiramente — contenta em fundar-me as fias de Mimosa e ter ella de voltar de novo ás suas fanguços de regente de uma casa.

CAPITULO II.

Que ridiculo idea!

Abstive-me de dizer isso, assim que de- notei o o senhorio; pois com ser alto e ter um rosto de metter medo, comtudo a boca era bonita, os dentes lindos e em summa ha- via coesias muito peiores do que a sua.

Na verdade o senhorio estava melhorando muito. Até aqui usava de roupa apparemen- te para obsequiar ao criado.

Muito nervoso para deixar tomarem-lhe a medida, mandava o criado supportar a ope- ração, e ficava bastante agachado por ver- se vestido com qualquer coisa sem incom- modo, e não se dava ao trabalho de exami- nar se a roupa assentava-lhe ou não.

Também me entio havia considerado que a principal serventia dos collantinhos de cami- zas era deixal-o esconder-se atraz d'elles, em quanto os punhos davam demonstrações tão assustadoras que uma imaginação fraca era levada a recetar que a camiza se sahir por alli.

Mas agora não só tinha um collantinho á moda, como tambem usava de um desses laçinhos que Roberto diz servarem para ga- fanchos e não para homens; em summa o senhorio não só estava bonito e bem desem- penhado, mas até a mulher parecia haver lhe trazido conforto.

Seuio obrigado a encetar o muato ousa- damente, agora que não havia uma fracção de collantinho atrevido que agachasse, pre- cedin com resolução. E a sua confiança — pa- lavra! — sua confiança em que afinal Mi- mosa amaria multissimo inteiramente a de Roberto.

«Ai, meu bom Jesus, se no fim de contas elle fica logrado!» disse eu a Roberto atraz das cortinas da cama uma noite.

«Espere por isso, Patty.»

«Mas fico senlita por elle, coitado! retar pintar a casa e forral-la de papel, pôe mobi- lizar novo, alugar a encada, collocar mobilia de luxo no sala de verões; e ter de suppôr que faz tudo isto de balde. Comtudo isso o divertei, esperei-o, e serviu-lhe de passa- tempo.»

(Continua.)

RECADOS DOS AMIGOS

Riqueza e Pobreza.

Que vale o homem no mundo,
Quando não possar virtum?
No talas as portas fechadas,
E' tralado com desden.

Não achu um riso sequer,
Nem ha lãria de mulher
Que sorria a um pobyeta;
Quando morre e enterrado,
Num pãjo sup' embroado,
Sem cortijo como um cão.

Melão em pãbito russo
De gôjo muito escurado,
Jaca velha de caluroso,
Meia voz encapellada;
Soputas que amam se rindo,
Porque de contos vão se abrindo
Assi d'atros chaques dos barques,
Calças curtas remendadas,
De lama sempre enfeitadas,
Que compari an poby Jacques;

Que importa que a fronte alva
Do gôjo tenha a laurel,
Se elle nasceu infeliz,
E a fortuna lhe e cruz?
E desgracia d'elle o braço,
E com elle morto o passo,
Elle agoniza a cada instante
Do fomo a triste figura,
Que com seu caladura
Do que caminha adiante.

Ante os graves deito vido
As vozes caquillo para;
Vir o babilho clareja,
Ja achado em a'quella cam:
Alé... no pãjo pedante
Que do pã herido bastante
Para gatar sem cordura
O pãjo foi usurario
Teve um fillo perdelario,
Castigo de sua usura.

O dinheiro e cura branca,
E um rapaz endinheirado
Tem amigos caridosos,
Das moças e festejado;
E muito ardente meina
Esperã, ardilosa e fina,
Quando o vê lica assanhada,
E la n'um salto fingido
Se embarca no vestido,
Mostra a pãria torneada.

Ora se um pã muitos vezes
Faz um babilho apaixonar-se,
Um pedulito de perna
Pãbe fazel-o casar-se:
Uma pãria l mo, fallemos...
A pãria nos vellos temos,
Que d'os thesouros por ellas;
Sua suspetiva de engano,
Pãbe descobriudo o arcano,
Encostam-se suas canellas.

Embora feio caravana,
Embora tostada tez,
Embora ideal avaçada,
Embora a estupidez,
Quem tem dinheiro e bonito,
E branco, não e cabrito.
Vello não e, usado,
E cada assento que d'io
Passa por d'ito felis,
E applaudido e gabado.

Seja um tipo do bellas,
E branco do nascimento,
Seja moço esulto e nobre
E possar algum talento,
E' pobre?... Entio tem defeito:
Do que vale um bello aspecto,
Se isto não encia a bariga?
Ora, babilhos todos somos,
E moças santissimas ja fomos,
Quanto ao talento, e espiga.

Dinheiro! incommens dinheiro!
En ficado o meu chaquã!
Tu que fizes innocente
Ao mais criminoso rei,
O albi ministro, o rei,
O juiz, a pãria lei;
Todos curvam-se a tuos pés;
A bellas peregrina
Amo tua voz argentina,
Te accelia como tu és

A fortuna cortez,
Que desgracia as leis do amor,
Regoitudo em casquilhos,
Nem a ti, se vons-lhe impôr;
Cavalhos, languido alitar,
Esportes, que m contemplar
Fazem lago o corpo gôssio,
Com seu chaquã de cavallo,
E suspensorios tambem,
O cassino cãr do vinho,
Chapão de sul de pãnioho,
Pã granules que vão além...

O conquistador da diva
Que triumphou sem tralado,
E' um vellito janeta
Que fã cura de espantoso:
Corcovado, barrigudo,
Com seu chaquã de cavallo,
E suspensorios tambem,
O cassino cãr do vinho,
Chapão de sul de pãnioho,
Pã granules que vão além...

A gloria... que vale a gloria,
Ante a fome esfarrapada?
O talento e a sciencia
Sem dinheiro valhem nada;
Homens, o genulo, e divino,
Cantões e o Tolentão
Pediram pãja comer,
E alliam com seguranga
Que ha pã ali muito pãja
Que vons a se maldizer.

Enquanto o rico desfalece.
 Na mesa um luto deusado,
 O pobre come e festeja.
 Com carne secca em seu lar;
 Aquella trindade de peras,
 Este prepara o angu;
 Ambos comem finalmente;
 Depois de comen engolida,
 E igual toda comida,
 Quem quiser que experimente.

Uma bella feijoadá
 A soubada de uma manguieira,
 Em taubé amena de ou'ono
 Ao som da brisa fagueira,
 Tem lá o que se lhe diga:
 Um lymon loco a barriga,
 An velha no caldeirão,
 E logo mostace de alegria
 Vão do bannigo vazia
 Ao fundo do coração.

Grifa caboga de potage,
 Bem cozida e apimentada,
 A garatilha da bronca,
 Tão quanta e tão bejada...
 O suquinho mais escurraço
 Espicou um pouco que é burro,
 E solta uma pachuçada:
 "Santidade, santidade!"

Que feteu o gado que tem
 Uma bella feijoadá.

E o recurso do pobre
 A carne secca e o feijão,
 Tanto no dia de festa
 Como em toda occasião;
 E tanto o pobre talento
 Como o rico juregado,
 Cada qual vai seu caminho:
 O tempo não está p'ra garrá...
 Vai bebendo sua cachiça
 Quem não pôde beber vinho.

Górgonio Mariaes.

Zig-zag.

Era, um dia, um general hespanhol.
 Occupava com as suas tropas os desfiladeiros de uma serra; e d'essa óminencia observava o planície. Um ajudante foi á sua tenda preveni-lo de que já se avistava, no horizonte, o exercito inimigo.
 — Que le tiran un canotaseo...
 — Mas, senhor, osson retorquir o ajudante, é inútil porque não alcança.
 — Pres quele fosem dess... instabiu o general.
 — Nem dous tão pouco, observou o ajudante.
 — Pres que le tiran tres o quantis sean necessarios, replicou o general orgulhoso de não perder a occasião de atacar o inimigo.
 Se não fosse irreverente, comparar ministros com peixes — embora sejam de artilheira — e a estes tão serios com os toes amonaxas de que falta a anecdota, acreditar-se-ia que nos está succedendo o mesmo que no acampamento hespanhol, de que trata a chronica.

— Ah! um não basta? Pois lá vai outro.
 — Não chugo nada? Pois tomen mais este.
 — Querem mais? Pois fain de ter quantos sejam necessarios.
 O que não se deve perder é a occasião o quanto mais melhor. O pau, a final de contas, só caceia de algumas leis. Descansem os impacientes porque legistas não faltam.

A sciencia politica, a grande arte de reger os povos tem o seu ponto de contacto com a arte culinaria. Os temperos de todos são conhecidos; mas nem todos podem fazer guisados.

Des' para isso que se acatam as especialidades. A providencia, que é má commum, ou caregem-se de produzir os gentios que á ignorancia de todo o mundo substituem a propria subordia.

Ora, todo o mundo sempre foi um sujeito muito exiguido que não tem direito á consideração do etc.

O etcetera é, como se sabe, a representação abreviada da importancia de quem de direito. E como não se deve gastar cera com ruias defuntos, é claro que o Sr. Todo o Mundo não tem grandes chances de vir a merecer mais do que tem merecido até aqui.

Não sejamos injustos. A a regra da creença antiga é que cada um tem o que merece. Minha avó sempre dizia que todo quanto Deus fazo para melhor. Façamos como Job. Dão-nos, tiram-nos; seja o nome do Senhor bendito.

Toda o mundo é um personagem abstracto; a mais pequena classe de personagem que existe. Primo-amão de outra pessoa muito respeitavel que se chamou o Estado, se elle fosse como este, omnipotensso, omnisciente, omnisciente, omnisciente, omnisciente, omnisciente, seria um Deus nos acuda. Havendo tanto quem devorasse, faltaria o que se devorado. Tal hypotese feroz uma calamidade. Já um philosopho allemão (podera deitar de sei-o?) disse que a vida humana era uma reciprocidade e continua devoração.

Toda a questão, portanto, reduz-se ao modo do ser devorado. E o mesmo aqui seio Britta-Sussanin — o Lycego da gastronomia. Não correamos levar á hoca um grande bocado, não convém levar de um sorvo o que pede ir paulatinamente; nem ingerir sem trahir...

A masquiagem representa um papel muito mais nobre do que se suppe.

Um programma ministerial, por exemplo; ha nada mais indigesto uma vez absorvido sem ser por esse processo?

A regra, portanto, é mastigar os programas e os projectos, os ministeriais e as reformas, o tempo e a paciencia...

Só os esophagicos tem o direito de ingerir por um processo differente. Não nos devemos referir á hca consideiro, senão isto aliam-tarmos-nos do objectivo desta zig-zag.

A propósito de devorações saibam os nossos leitores que estamos de ministerio novo.

Acquittiza da nossa terra anda, no que parece, muito estroquiada. Não ha ministerio que sirva. Se se escapat de um coiza, cabe-se n'um maquina. E uma quebra-quebra geral. E o peior é que, se-mos não vado a infallibilidade do Santo Padre, vamos ter a inversão do sentido theologico de um principio do evangelho. A igreja sempre representou o Homem á direita do Padre. Mas desta vez o homem saíra do lado da mão esquerda. Deus saíra! que ratalysmo amocioná este phenomeno!

Santa Catharina está devorada por S. Vicente. Na gerencia humana era isso facil de comprehendese. Sabia-se que só ella, Santa Catharina, tinha duas barras para o seu serviço, S. Vicente tem, para o seu, nada menos do que tres barras. Sabidos não lhe faltam. Tem o passo feavel. Evitem que o ramo da oliveira, symbolo da paz, seja devorado pelo urruio da desconfiança e tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis.

A prophécia de Napoleão I.

O prisioneiro, ou, melhor, o captivo de S. Helena propheticou que no fim do século XIX todo a Europa seria rosada ou republicana.

A prophécia parece ir um fatal caminho de realisação.

A Prússia é a vanguarda da Russia.

Os russos que são cosacos que sabem ler estão reduzindo a França a ruinas, e os russos com seus cosacos analfabetos já, segundo diz a correspondencia de Paris do Journal do Commerce, começam a queimar o tratado de 1855, e indicam ameaçar a Turquia.

Consummado o abatimento da França, não será por certo a Inglaterra capaz de impedir a absorção do imperio otomano pela Russia.

E depois — sobre a raga latina na Europa L.,...
 Será esta a obra portentosa que deve fazer-nos abençoar a emissão allemã?
 Mas Deus escreveo direito por lindas tortas.

O governo pessoal no Brasil.

Com a organização do novo gabinete ministerial appareceram novos e eloquentes denunciadores governo pessoal no Brasil. Mas que dia do coincidência L...

Des novos denunciadores não houve um só que não passasse, durante a crise, por candidato a ministro!

Ah L... se elles fivessem denunciado o governo pessoal antes da desgraça das suas candidaturas L...

O QUE VAI POR AHI

O rei da Prússia em caminho de Paris e o calor em camião de Rio de Janeiro, são as novidades de mais frequada compunção cadaverica — fresca — não seja com sympathia com ambos.

Profess que não ha de sentir os Parisenses, ameaçados pela nobre invasão que dizem ser movida por um infernal desejo de sullivar a raga latina no throno de sus glorias, no alcanzar do progresso e da civilização.

E o que já vão comprehendendo aquelles que ha alguns dias victoriaram a Prússia, vencedores das mais illustres representações das raga latinas.

De seu lado, os portuguezes (que tamanho attenção não se commettam) não se deixam assim extinguir-se á phantasmal da humanidade.

O calor achou-se quasi installado na sua cidade predilecta. Dovesse por toda a parte a monotonos lamentação de seus chibitos, e ninguém cuida na impedibilidade falta de logica em que incurre quem se queixa de calor no mez de julho, debaixo de um céu tropical.

A despeito do calor a aristocracia elegante do reino embona quillo-festa passada a casquinha sua do Alcazar para festejar a nova companhia.

Quanto lá não fiamos com segundas, terças! Ha via, mais de quatro annos que amovon, peita, talento e radiante de inspirações, deixaram a scena litteraria, Chamar-nic que uma paixão ferocissima de lermio por uma prima, continuada, em meio de sua força, e havia erredido para sempre do mundo tumultuoso das illusões. E eu o senti como se fôra o proprio incandescencia da libertação e juventude.

Abre-se o portão do Alcazar, e eis de novo o meu peiza carregado de bouquets, perfumado de essencias e cheiro de vida, como se houvesse renascido das proprias cinzas!

Mariquinhas, Mariquinhas, oh Mariquinhas! muito pode o alcanzi!

A estrella mais radiante da nova constellação, é Rose Maria, que a um timbre agradável de voz reúne casquinha e desceollura proprias do genero da musica que executa.

Me. Coulema e com as penne o que Rose Maria é com a garfada.

Certo que volverá do Alcazar a aurora do bonanga dos antigos tempos.

No sabbado passado houve na Phenix Dramaticall a representação da comedia de costumes brasiliros do Dr. França Junios — direito por lindas tortas.

A sala estava atendida de espectadores, e estes riam-se a bono no durante todo o decurso da comedia. E o Dr. França é um photographista dos nossos costumes.

Me não é momento o Alcazar, nem a Phenix Dramaticall, que serocem os honros do que vai por ahi, por que vão muitos outros coisas dignas do bello povo brasileiro.

Uma companhia lyrica, levando á scena do barruaco o Fausto, o admiravel Fausto de Gounod: um ventriolo engolindo esphais e empados, um prestidigitador, o Fossi, fazendo crescer os bulbos nas unhas das damas, e muitas outras coisas que fazem arripir os chibitos, se facha as portas do seu escriptorio a essa súa de mataduras passadissimas que andam por ahi dilapidando os bons caracteres e tirando fama a face dos homens que trabalham.

O part. tem necessidade de um urguo impassível, sem paradas, sem passades inespantadas, emfim, sem fustas de fresta.

Fuamos volta para que a Divina de Noticias cresca, cresça muito, e depois afado com suas mãos robustas o systema da intriga e da inveja, que entre nós ludo destroa.

Adems, leitores e leitoras, por hoje estou muito massante.

E sem divida afflicto da temperatura.

Typ. rua da Ajada n. 16.



— Isto é galinha, não é gallo; qu'ô da crista?
 — Para meu amo não sabe que depois que os Prussianos estão a vencer não ha mais gallo do crista?



Os legistas pedindo a Deos que a guerra da França não se acabe, para ninguem se emportar com elles.



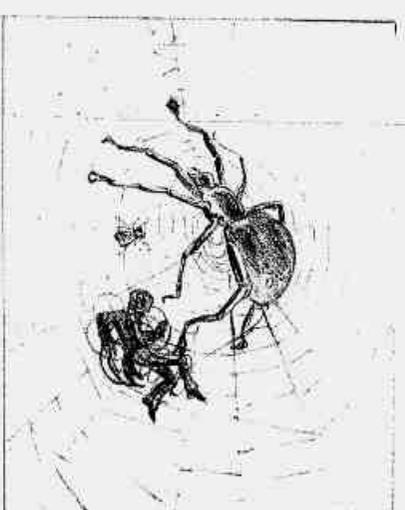
Os Prussianos, possuidos do enthusiasmo de suas victorias, atacam a redacção da Comedia Social.



E' inegavel que S. M. el-rei Bismark possui actualmente a chave da politica europêa.



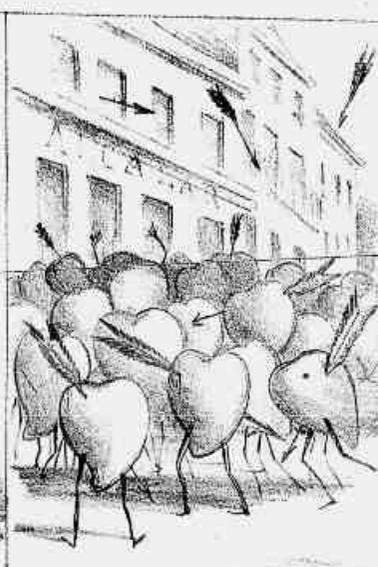
Situação da Republica Parisiense.



A caraquejeira politica apresentando em banha-ol em direito, para fazer-o entrar em scena.



Depois de ter dito que o Gallião cantaria mais tao alto como d'antes, o Santo Padre abandona Roma montado na infallibilidade.



Reabertura do Alcazar: os corações affluem e os setas abundam.



O Caraquejeiro que el-rei nosso senhor pretende fazer cantar ainda por muito tempo em França.